Toda a rapariga de Outeiro e Pêrre que se presa de boa dona da sua casa, leva quando do casamento, na sua caixa de castanho, de mistura com o bom enxoval de roupa de linho, os vestidos à lavradora e o oiro do pescoço, um relho lavrado e uma corda nova com que hâ-de trazer das leiras a comida para os animais que a ajudam no trabalho e dão o leite; uma roca (1) por estrear (2) com espícho trabalhada para liar o linho e a lá na ida e na volta do trabalho ou longas noites de inverno; uma lançadeira enfeitada com que hâ-de tecer o bragal e o seu vestuário.

Costume antigo cuja origem se desconhece e que ainda hoje se transmite religiosamente de pais a filhos, fazendo da lavradora uma mulher diligente e boa dona de sua casa.

Estoril. Agosto de 1929.

---

(1) Entre os romanos era costume oferecer à noiva uma roca nova.
(2) Dia a tradição popular que não será feliz ou morrerá cedo a noiva que levar a roca de solteira.

O índice cefálico da população do Porto

POR

LUÍS DE PINA

Assistente da Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto
Cabe da Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Porto

(Trabalho apresentado à Soc. Port. de Antrop. e Étnol. em 21 de Janeiro de 1931)

No desexo de contribuir com alguns estudos pessoais para a elaboração dos cânones portugueses antropológicos, encetei no Laboratório dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Porto, da direcção do sr. prof. dr. J. A. Pires de Lima, uma série de investigações antropológicas no vivo, considerado normal, e no delinquente. Fácil se me torna a tarefa atendendo à abundância de material que por aqueles serviços diariamente passa, quer na Secção de Identificação Civil, quer na de Antropologia Criminal (1). Na primeira, os indivíduos observados são de tôdas as posições sociais e idades, de ambos os sexos, acrescendo que os pertencentes às diversas províncias portuguesas são também em grande número. Desta forma posso selecioná-los, estudando-os por departamentos. Assim é que, de entre perto de 1.500 indivíduos já estudados, pude obter duas séries de obser-

---

(1) Nas mensurações praticadas nos laboratórios das 2 secções, sou auxiliado pelos funcionários deste serviço srs. Antero Fernandes e Manuel Brandão (Identificação Civil) e Urbano Cardoso, Henrique Cabral e Mário Cabral (Antropologia Criminal), nos quais agradeço o cuidado e o interesse que têm demonstrado.
vações, uma de 200 homens, outra de 155 mulheres, naturais do Porto, com ascendentes originários desta cidade, o que se provou pelas respectivas certidões de idade no nosso Arquivo guardadas. São pois 355 portugueses (200 masculinos e 155 femininos), todos de idade igual ou superior a 25 anos, idade limite escolhida para afastar possíveis influências do crescimento.

Além do índice cefálico outras mensurações tenho registadas, que a seu tempo tornarei públicas, não só da população do Porto mas das restantes regiões do País, especialmente de Entre-Douro e Minho. O valor destas notas não está em meu mérito, mas sim na delas próprias, pois é sabido o quanto se torna difícil a obtenção de séries de indivíduos vivos como estas que apresento. A par, estou observando também nos criminosos recolhidos na Cadeia Civil desta cidade os mesmos elementos antropológicos que estudo nos indivíduos considerados não delinquentes, de forma a obter confrontos necessários para certos estudos de Antropologia Criminal, um dos fins para que foram criados os citados serviços. Possuo também nesta ocasião perto de 500 fichas antropológicas de delinquentes, as quais conteem, entre outras, observações sobre a morfologia da orelha e do nariz, índice cefálico, auricular, nasal, esquêlico, estatura-braça, cór dos olhos, dos cabelos, etc., etc. Brevemente publicarei o resultado dessas observações, numerosas e sistemáticas, atendendo a que estes estudos estão muito pouco desenvolvidos em Portugal, devendo-se ao sr. prof. Mendes Corrêa o último e relativamente mais completo trabalho sobre o assunto (1).

Os 355 indivíduos naturais da cidade do Porto desempenham diferentes profissões: operários, agricultores, trabalhadores, estudantes, advogados, médicos, etc.

(1) Mendes Corrêa, Os criminosos portugueses. Coimbra, 1914.

---

O índice cefálico obtido nestas duas séries foi:

\[ \bar{\xi} = 74.93 \quad \text{Erro provável} \quad \bar{\text{Em}} = \pm 0.183 \quad \text{Desvio padrão} = \sigma = 2.61 \]

\[ \bar{\varphi} = 75.79 \quad \text{Erro provável} \quad \bar{\text{Em}} = \pm 0.303 \quad \text{Desvio padrão} = \sigma = 3.45 \]

variando o seu valor entre 67 e 83 na série \( \bar{\xi} \) e entre 66 e 85 na série \( \bar{\varphi} \).

Na série masculina observa-se a maior frequência do índice entre 73 e 77 (142 casos em 200), e na feminina igualmente entre 73 e 77 (102 casos em 155).

Podemos pois classificar os índices cefálicos masculinos e femininos da seguinte forma (Martin (2)):

<table>
<thead>
<tr>
<th>Tipo</th>
<th>( \bar{\xi} )</th>
<th>( \bar{\varphi} )</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Dolicocefálicos</td>
<td>X = 75.9</td>
<td>58%</td>
</tr>
<tr>
<td>Mesocéfálos</td>
<td>76.0 - 80.9</td>
<td>40%</td>
</tr>
<tr>
<td>Braquicefálos</td>
<td>81.0 - 85.4</td>
<td>2%</td>
</tr>
<tr>
<td>Hiperbraquicefálos</td>
<td>X = 85.5</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

Para os podermos confrontar melhor com os resultados obtidos por autores portugueses em indivíduos doutras regiões, apresento o seguinte quadro, ampliando o já publicado pelo dr. J. dos Santos Júnior, e modificando assim a classificação (2):

---

(1) R. Martin, Lehrbuch der anthropologie, Iena, 1928.
Com ligeiras diferenças, a média da série masculina da população citadina portuense concorda com a dos Trasmontanos (Vila Real) e aproxima-se da dos Beirões, havendo portanto uma certa afinidade entre eles e os Durienses, afastando-se estes claramente dos tipos Minhotos e certos Trasmontanos (S. Pedro de Mogadouro).

O valor da minha média corresponde à série masculina, A média das séries 2, e 3 será pois 75,3, que se aproxima da dos Beirões (M. Corrêa) e Trasmontanos (J. Branco).

Podemos pois concluir que a população da cidade do Porto (3) é nitidamente dolícocéfala, aproximando-se assim da Trasmontana e da Beirão, em geral; ao mesmo tempo afasta-se da Minhota, claramente mesaticéfala. A mulher portuense é um pouco menos dolícocéfala.

A dolícocéfalia é mais acentuada nos Portuenses que nos oriundos das demais províncias nortenhas, à exceção do núcleo populacional de S. Pedro de Mogadouro, que acusa maior percentagem de dolícocéfalos. Porém, a mesaticéfalia identifica-se com a dos vilã-realenses, sendo a sua frequência muito maior que nos portugueses de S. Pedro de Mogadouro. Os brauquicéfalos, como de resto nas outras Províncias (excluindo o Minho), são em número reduzidíssimo.

A mulher portuense apresenta os seguintes valores no índice céfálico, conforme a classificação do quadro anterior:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Índice céfálico</th>
<th>Dolícocéfalos (até 76,3)</th>
<th>Mesaticéfalos</th>
<th>Brauquicéfalos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Vila Real</td>
<td>37</td>
<td>12</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>Minho</td>
<td>37</td>
<td>12</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>S. Pedro</td>
<td>37</td>
<td>12</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>S. Júnior</td>
<td>37</td>
<td>12</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>J. Branco</td>
<td>37</td>
<td>12</td>
<td>1</td>
</tr>
</tbody>
</table>

No país — 75,3

Emparelhados, seguem os quadros das percentagens masculinas e femininas:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Índice céfálico</th>
<th>Dolícocéfalos</th>
<th>Mesaticéfalos</th>
<th>Brauquicéfalos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Vila Real</td>
<td>76.0</td>
<td>60.6%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Minho</td>
<td>77.9</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>S. Pedro</td>
<td>76.0</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>S. Júnior</td>
<td>76.0</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>J. Branco</td>
<td>76.0</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

No país — 75,3

<table>
<thead>
<tr>
<th>Índice céfálico</th>
<th>Dolícocéfalos</th>
<th>Mesaticéfalos</th>
<th>Brauquicéfalos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Vila Real</td>
<td>76.0</td>
<td>60.6%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Minho</td>
<td>77.9</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>S. Pedro</td>
<td>76.0</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>S. Júnior</td>
<td>76.0</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>J. Branco</td>
<td>76.0</td>
<td>36.7%</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
Seja-me perdoada agora a digressão que, para necessários cotejos, tenho de fazer pelo campo das observações de outros investigadores. Fonseca Cardoso apresentou alguns o seguinte quadro de índices cefálicos médios nas diferentes províncias portuguesas:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Província</th>
<th>Índice</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Minho</td>
<td>78.7</td>
</tr>
<tr>
<td>Douro (Póvo)</td>
<td>76.2</td>
</tr>
<tr>
<td>Trás-os-Montes</td>
<td>75.2</td>
</tr>
<tr>
<td>Beira Alta</td>
<td>75.2</td>
</tr>
<tr>
<td>Beira Baixa</td>
<td>75.5</td>
</tr>
<tr>
<td>Estremadura</td>
<td>76.8</td>
</tr>
<tr>
<td>Alentejo</td>
<td>76.5</td>
</tr>
<tr>
<td>Algarve</td>
<td>77.1</td>
</tr>
<tr>
<td>No País</td>
<td>76.3</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Vê-se que o índice médio por mim encontrado para a cidade do Porto foi de 75.3, que se afasta quase uma unidade do indicado no quadro anterior (76.2), respeitando também ao Póvo, aproximando-se do índice médio de Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa. Este resultado assemelha-se ao que já atrás ficou indicado. Se, como afirma o prof. Mendes Corrêa (1), naquelas províncias «os representantes da raça dolicocefála de Mugem (tipo Beaumes-Chaudes), que constitui o fundo antropológico do povo português» se encontram «um estado de relativa pureza», podemos também pensar que o tipo portuense citadino, a-pesar-de influenciado por outros tipos provinciais e quicâ estrangeiros do norte, se conserva num estado de certa pureza étnica. Se a dolicocefalia marca esse estado, já vimos como esta, na série masculina, é bem flagrante. A menor dolicocefalia na mulher portuense está de acordo com o que muitos autores referem a propósito da diferença sexual respectiva. Assim é que, se na série de índices cefálicos apresentada por Martin (2), correspondentes a vários povos ou tipos, procurarmos essa diferença, vemos que em 72 grupos de valores masculinos e femininos se encontram:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Índice cefálico maior na mulher</th>
<th>35 grupos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>menor</td>
<td>25</td>
</tr>
<tr>
<td>igual ou quase igual no homem e na mulher</td>
<td>14</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Predomina pois um índice cefálico maior na mulher, o que concorda com o que dizem diversos investigadores, entre eles Fonseca Cardoso (2). É curioso notar que os grupos acima citados, apresentando um tipo dolicocefálo, são aqueles em que o índice cefálico é sempre maior na mulher que no homem (só uma vez, em 8 grupos, se revela o contrário). Isto se conjuga com o que se passa no grupo português que estudei, também dolicocefálo.

Se agora compararmos o índice cefálico masculino e feminino da população da cidade do Porto com o de outras regiões estrangeiras, vemos que no citado quadro de Martin não existe, entre os dolicocefálos (X=75.9), grupo algum europeu. Ali se deve incluir porém o índice que estou apresentando.

Em populações asiáticas, africanas, americanas e da Oceania encontramos índices que dêle se aproximam, correspondentemente aos homens; as séries femininas são em muito reduzido número no quadro de Martin, porém podemos cotejar o índice cefálico da mulher portuense com os de estrangeiros apresentados pela Doutrora E. Graffi (3); chegamos à conclusão que ele ocupa a cabeça

(1) M. Corrêa, ob. cit.
(3) P. Cardoso, O minhoto de Entre-Cóuvo e Ancor, in «Portugalia», t. i, fasc. i.
do rol, sendo o índice mais baixo nêle patente igual a 77.1 (Espanholas, Weissenberg), e o mais alto igual a 85.4 (Alemães, Oppenheim).

Segundo os quadros referidos, as populações portuense e trasmontana de Mogadouro são as mais dolicócéfalias da Europa. O prof. Paul Boncour apresentou também um quadro de índices cefálicos de diversas populações do globo, no qual inclui, entre os dolicócéfalo-s, somente os seguintes europeus: Portugueses, Corsos e Espanhóis de Valência, com os índices respectivos de 76.8, 76.6 e 76.8, correspondentes às médias masculinas de 10, 500 e 502 indivíduos. Aqui, como se nota, são os Corsos os mais dolicócéfalos europeus. Porém acho insuficiente o número de portugueses observados (autor desconhecido). O índice cefálico médio é de 76.3, número que, no entanto, concorda com aquele (1).

Pena é, contudo, nada nos dizerem por vezes os diversos antropologistas sobre o número de indivíduos observados no 2 sexos, nem tão pouco sobre a idade dos mesmos. Julgo as minhas séries suficientes — não só no que diz respeito ao número dos casos, como às idades escolhidas, que disse já serem iguais ou superiores a 25 anos — para se chegar às conclusões que apresentei.

Trabalho subvencionado pela Junta de Educação Nacional.

VÁRIA

Grupo sangüíneo e tipo menstrual

(NOTA PRELIMINAR)

Não obstante a chausa de trabalhos a que tem dado margem, a individualidade do sangue envolve, ainda, pesados mistérios. O problema dos grupos sangüíneos, do mais agudo interesse para os biólogos, os clínicos, os médico-legistas, só muito tarde chamou a atenção dos investigadores portugueses (1).

Utilizando as mulheres que, todos os dias, passam pelo Dispensário de «Magalhães Lemos», dei-me a procurar as possíveis relações entre os grupos hemáticos e o tipo menstrual. A nota, que hoje divulgou, resume 250 observações pessoais, conduzidas com o maior escrupulo (2).

Em tôdas as fichas, apontei a cór da pele, dos olhos, dos cabelos, e a estatura. Com a massa de 500 casos, estabeleceri, oportunamente, as correlações entre os grupos sangüíneos e os mencionados caracteres.

Quadro I

<table>
<thead>
<tr>
<th>Grupos sangüíneos</th>
<th>Número de casos por grupo</th>
<th>Idade em que apareceu a primeira menstruação</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>&lt;11</td>
</tr>
<tr>
<td>I</td>
<td>22</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>II</td>
<td>119</td>
<td>8</td>
</tr>
<tr>
<td>III</td>
<td>9</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>IV</td>
<td>100</td>
<td>4</td>
</tr>
</tbody>
</table>

(2) À amabilidade do Dr. António Pânteres devo os soros-padrões, de que me serví, para a reação de Beth-Vincent.